

TRADUÇÃO E VARIAÇÃO DIATÓPICA NO ESPAÇO FRANCÓFONO: O  
QUÉBEC E O CANADÁ FRANCÓFONO

*TRADUCTION ET VARIATION DIATOPIQUE DANS L'ESPACE FRANCOFONE:  
LE QUÉBEC ET LE CANADA FRANCOPHONE<sup>i</sup>*



Isabelle Collombat<sup>ii</sup>  
Université Laval (Laval, Québec, Canadá)  
isabelle.collombat@lli.ulaval.ca

Traduzido por  
Clarissa Prado Marini<sup>iii</sup>  
Mestranda em Estudos da Tradução  
Universidade de Brasília (POSTRAD, UnB, Brasília, Brasil)  
clarissamarini@gmail.com

Giovana Bleyer Ferreira dos Santos<sup>iv</sup>  
Doutora em Estudos da Tradução  
Universidade Federal de Santa Catarina (PGET, UFSC, Florianópolis, Brasil)  
giovanableyer@gmail.com

Rodrigo D'Avila Braga Silva<sup>v</sup>  
Mestrando em Estudos da Tradução  
Universidade de Brasília (POSTRAD, UnB, Brasília, Brasil)  
rodrigodavilabraga@gmail.com

7

## 1. Introdução

**S**e os debates que cercam a noção de fidelidade em tradução ainda persistem, e se o próprio ato de traduzir é ainda alvo de muita desconfiança, é muito provavelmente em razão das próprias origens do ato de traduzir, cuja gênese deve ser explorada na área da tradução dos textos religiosos, para os quais São Jerônimo assim como Fílon de Alexandria preconizava a tradução literal, único método apto a não “alterar os textos sacros” (OUSTINOFF, 2003, p. 28). Nessa perspectiva, toda tradução que se distancie, mesmo que pouco, da formulação do texto original – seja por evidentes razões gramaticais, estilísticas ou extralinguísticas – é prontamente taxada de infiel e a ética do tradutor, colocada em questão. No exterior da esfera dos tradutores e tradutólogos, poucos são aqueles que, espontaneamente, imaginam que o tradutor será sempre o leitor mais cauteloso de um texto, aquele que fará a

leitura mais fina (LARBAUD, 1997, p. 69-70), e que a noção de fidelidade ultrapassa largamente a do respeito cego pela forma.

Além disso, a fidelidade tal como é evocada na tradução poderia apresentar duas acepções diferentes (*Le nouveau Petit Robert*, 2012 s.v. *fidélité* [em português: fidelidade]) a da ausência de traição de um lado e aquela da conformidade à verdade do outro. A segunda acepção se aproxima da noção de exatidão que, mais uma vez, se refere frequentemente aos aspectos puramente linguísticos da tradução; quanto à primeira, faz referência quase sistemática à noção de *serment* [juramento] em relação ao autor, como se a fidelidade a um texto e a um autor se resumisse a uma única e mesma virtude se traduzindo (sic) exclusivamente pelo servilismo da pena. Essas poucas noções redutoras que transparecem sob o vocábulo *fidelidade* negam os aportes consideráveis da tradutologia desde sua constituição como disciplina autônoma nos anos 1970, no encalço da profissionalização do ofício de tradutor, marcado pela criação, em 1941, da primeira escola de tradução ocidental moderna – a *École de traduction et interprétation de l'Université de Genève*. Foi graças à estruturação progressiva da formação dos tradutores e em seguida ao apuramento das teorias tradutológicas que, à medida em que se desenvolveu uma ética do tradutor e uma reflexão cada vez mais dedicada às práticas tradutivas, foi possível observar a coexistência, no século XXI, de uma pluralidade de postulados tradutivos fundados sobre uma grande quantidade de parâmetros que os legitimam, mesmo se eles diferem ou se contradizem (COLLOMBAT, 2004). Os múltiplos atores do que se convencionou chamar de “linha de produção” do livro dividem os holofotes – autor, editor, texto, leitor, tradutor -, segundo uma rede que instaura uma fidelidade polimorfa, por vezes contraditória, mas sempre justificável. “*Fidèle, infidèle, vieilles tout ça*”, escreve Meschonnic (2007, p. 83). Em suma, chegara o momento de mudar de paradigma, quem sabe até de explorar outros campos nos quais se expressariam outras formas de fidelidade. É o que nos propomos a fazer aqui, colocando nossa reflexão sob a égide da “fidelidade” em relação não a um texto ou a uma língua de partida, mas ao texto de chegada e aos seus destinatários. Abordaremos assim dois aspectos da variação diatópica em tradução para o francês: o primeiro diz respeito à questão dos regionalismos em tradução no Quebec e no Canadá francófono e o segundo, à necessidade de uma didática da tradução diferenciada no espaço francófono, a fim de levar em conta a realidade linguística de cada região, principalmente daquelas onde o francês vive uma situação de contato de línguas.

Na maioria das universidades ocidentais, ainda é frequente que os programas de tradução estejam associados aos estudos relativos à língua de partida: na França, os

professores de tradução do inglês para o francês são majoritariamente de formação anglicista e provenientes do mundo anglófono, e aqueles que ensinam a tradução a partir do francês são oriundos dos *French Studies*. Ora, ao nosso ver, essa classificação se adapta de maneira imperfeita às noções de variação diatópica na língua de chegada e, especialmente, às localizações necessárias. No mundo francófono, a citada classificação remete geralmente, a uma visão monocêntrica do francês. De fato, como lembra Bernard Pöll, em seu estudo intitulado *Le français, langue pluricentrique?*,

O francês é habitualmente considerado como o melhor exemplo de uma língua de norma única. A predominância demográfica, sociocultural e política do Hexágono, mais particularmente de sua capital, Paris, ocultou por muito tempo a enorme variação dos usos da língua francesa (PÖLL, 2005, p. 15 – tradução nossa<sup>vi</sup>)

Apenas depois dos anos 1970 a variação começou a encontrar interesse, mas isso não impede, como afirma Pöll (2005, p.15) que “o mito do francês monolítico, ou seja, do caráter mono-normativo da língua de Molière, se encontra constantemente divulgado e reforçado, consciente ou inconscientemente, ainda hoje” (tradução nossa<sup>vii</sup>).

9

## 2. Os regionalismos em tradução para o francês

As teorias funcionalistas que floresceram em tradutologia e na prática de tradução desde os anos 1970 permitiram situar a tradução no centro de uma estratégia de comunicação fundada sobre o *skopos*, ou seja, o objetivo ou finalidade ; graças a esta abordagem, o tradutor é colocado “no centro do sistema de comunicação multilíngue”, e é a ele quem cabe – pelo menos em teoria – “a escolha dos fins e dos meios” (GUIDÈRE, 2008, p. 18).

Se, no todo, os representantes das profissões da linguagem se empenham em navegar com realismo entre a norma e o uso, se esforçando para oscilar entre a cruz do laxismo e a espada do purismo, o tradutor também, por prudência ou por insegurança, manifesta tendências “normopatas”, às vezes podendo conduzi-lo a se limitar na escolha dos meios de comunicação (FROELIGER, 2008, p. 4). Assim, no Quebec, a obediência do tradutor às obras normativas – que se inscreve geralmente na extensão do ensino dispensado nas escolas de tradução – será tal que ele vai se abster, com bastante frequência, de recorrer a regionalismos que no entanto são muitas vezes indicados, se privando assim do poder evocatório do “*chat qui sort du sac*<sup>viii</sup>” ou do tagarela que “*parle à travers son chapeau*<sup>ix</sup>”, embora essas imagens estejam profundamente enraizadas no imaginário ou enciclopédia dos locutores alvo em potencial dessa estratégia de comunicação na qual se inscreve o projeto de tradução.

---

COLLOMBAT. Tradução e variação diatópica no espaço francófono: o Québec e o Canadá francófono. *Belas Infêis*, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2014.

A presente reflexão tem como ponto de partida, duas constatações: primeiramente, durante conversas informais com colegas tradutores quebequenses, estes revelaram que evitam tanto quanto possível, de usar, por exemplo, o advérbio “*présentement*” em suas traduções, mesmo que sejam destinadas a clientes ou a um público leitor quebequense; em seguida, numa certa época, no Quebec, os estudantes de tradução manifestavam uma forma de desconfiança em relação a sua língua e, mais precisamente, aos “quebequismos”, se sentindo obrigados a “corrigir” o que havia sido estigmatizado como maus usos: por exemplo, evitavam de traduzir “*to sponsor*” por “*commanditer*”, apesar de correto, preferindo a opção “*sponsoriser*”.

## 2.1 A opinião dos profissionais

Essas duas atitudes nos leva, há alguns anos, a nos dedicar à questão dos regionalismos em tradução, e antes de continuar a reflexão, quisemos verificar a percepção dos próprios tradutores sobre isso. Assim, para alimentar o presente estudo, elaboramos um questionário de dez questões, que foi enviada aos seguintes organismos profissionais:

- *Association des traducteurs et interprètes de l’Ontario (ATIO)*
- *Corporation des traducteurs, traductrices, terminologues et interprètes du Nouveau-Brunswick (CTINB)*
- *Ordre des traducteurs, terminologues et interprètes du Québec (OTTIAQ)*
- *Association des travailleurs autonomes et micro-entreprises en services linguistiques (ATAMESL)*

As dez questões eram as seguintes:

1. Idealmente, uma tradução para o francês não deveria conter nenhuma particularidade regional.

- concordo totalmente
- tendo a concordar
- concordo parcialmente
- não concordo

2. O regionalismo trai a presença do tradutor.

- concordo totalmente
- tendo a concordar
- concordo parcialmente
- não concordo

3. Qualquer que seja a finalidade e o público leitor da tradução, certos regionalismos continuam inaceitáveis.

- concordo totalmente
- tendo a concordar
- concordo parcialmente
- não concordo

4. Em certas circunstâncias, um regionalismo é desejável.

- concordo totalmente
- tendo a concordar
- concordo parcialmente
- não concordo

5. Ao longo da minha formação em tradução, fui incitado(a) a evitar os regionalismos.

- concordo totalmente
- tendo a concordar
- concordo parcialmente
- não concordo

6. Você é (várias respostas são possíveis)

- tradutor ou tradutora associado(a) [*Association des traducteurs et interprètes de*

*l'Ontario, ATIO]*

- tradutor ou tradutora associado(a) [*Corporation des traducteurs, traductrices, terminologues et interprètes du Nouveau-Brunswick, CTINB*]
- tradutor ou tradutora associado(a) [*Ordre des traducteurs, terminologues et interprètes agréés du Québec, OTTIAQ*]
- tradutor ou tradutora não associado(a)
- tradutor ou tradutora membro da *l'Association des travailleurs autonomes et micro-entreprises en services linguistiques (ATAMESL)*

7. Você exerce a profissão:

- enquanto tradutor ou tradutora autônomo(a)
- num escritório de tradução
- em uma empresa
- num serviço governamental

12

8. Você é tradutor ou tradutora há quanto tempo?

- 20 anos ou mais
- 10 a 20 anos
- 5 a 10 anos
- menos de 5 anos

9. Você tem qual formação? (várias respostas são possíveis)

- graduação em tradução
- mestrado em tradução
- diploma de tradução diferente de graduação ou mestrado – especifique nos comentários
- diploma universitário de outro curso (graduação) – especifique nos comentários
- diploma universitário de outro curso (mestrado ou doutorado) – especifique nos comentários

10. Você realizou seus estudos universitários: (várias respostas são possíveis)

- no Quebec
- no Canada, fora de Quebec
- na Europa
- outro (especifique nos comentários)

O *link* da sondagem foi enviado aos organismos mencionados anteriormente em 29 de julho de 2010; o prazo para as respostas foi fixado para 15 de agosto de 2010, mas, de fato, a sondagem só foi encerrada em 19 de agosto de 2010, e mesmo depois obtivemos algumas respostas. Decidimos então de encerra-la na citada data, pois o número de participantes era de exatamente 300. Seria difícil fornecer as taxas de resposta na falta de dados precisos sobre o número total de membros dos organismos visados (já que os tradutores podem ser membros de vários deles), dentre os quais eram nomeadamente visados os tradutores e tradutoras francófonos(as). Contudo, o grande número de respostas em valor absoluto dá credibilidade aos dados coletados – além do fato de testemunhar, ao nosso ver, um certo interesse pela temática.

13

## 2.2. Perfil dos participantes

Como foi mencionado anteriormente, a sondagem foi respondida por 300 participantes, divididos da seguinte maneira:

- tradutor ou tradutora associado(a) [ATIO] : 3,4 % (10)
- tradutor ou tradutora associado(a) [CTINB] : 10,4 % (31)
- tradutor ou tradutora associado(a) [OTTIAQ] : 70 % (208)
- tradutor ou tradutora não associado(a): 18,9 % (56)
- tradutor ou tradutora membro da ATAMESL : 9,4 % (28)

Notamos uma maioria de membros da OTTIAQ, incluindo os tradutores e tradutoras em processo de filiação.

Os participantes exercem majoritariamente a profissão de tradutor em prática autônoma:

- tradutor ou tradutora autônomo(a): 63,3 % (183)
- tradutor ou tradutora num escritório de tradução: 10,7 % (31)
- tradutor ou tradutora em empresa: 12,1 % (35)
- tradutor ou tradutora num serviço governamental : 13,8 % (40)

Eles praticam majoritariamente a tradução há menos de 20 anos:

- 20 anos ou mais: 42,6 % (127)
- 10 a 20 anos : 25,8 % (77)
- 5 a 10 anos: 15,8 % (47)
- menos de 5 anos : 15,8 % (47)

14

Além disso, os participantes eram majoritariamente formados em tradução:

- graduação em tradução: 56,7 % (165)
- mestrado em tradução : 16,8 % (49)
- outro diploma de tradução : 15,5 % (45)
- diploma universitário de outro curso (graduação) : 30,9 % (90)
- diploma universitário de outro curso (mestrado ou doutorado) : 13,1 % (38)

De fato, contando todos os diplomas, 89% deles tinham uma formação em tradução.

Enfim, os participantes fizeram majoritariamente seus estudos no Canadá, principalmente no Quebec:

- Quebec: 82,9 % (248)
- Canadá, fora de Quebec: 19,4 % (58)
- Europa: 14,4 % (43)
- outro: 3,3 % (10)



### 2.3 Resultados do questionário

Na primeira questão, a maioria dos participantes diz “concordo parcialmente” quanto a afirmar que idealmente uma tradução para o francês não deveria comportar nenhuma particularidade regional.

- concordo totalmente: 6,3 % (19)
- tendo a concordar: 26,0 % (78)
- concordo parcialmente: 47,0 % (141)
- não concordo: 20,7 % (62)

Se 20,7% dizem estar em total discordância com essa afirmação, 32,3% do total declaram concordar.

Um participante diferencia claramente, a respeito disso, textos especializados e pragmáticos e a tradução literária ou qualquer outro texto cujo público leitor é visado (imprensa, pesquisas de opinião, etc.).

Isso vai sempre depender do tipo de tradução. Para tradução de textos jurídicos, financeiros, de recomendações de segurança em manuais de instrução, etc., ou seja, o que chamamos de tradução pragmática, eu excluo as particularidades regionais. A língua deve ser universal para esse tipo de coisas. Agora, se traduzo um romance, um artigo de revista, uma pesquisa de opinião ou textos que se dirigem claramente a um público local, acho totalmente aceitável empregar os *geolets*. Na verdade, vai sempre depender do público ao qual nos direcionamos e do alcance do texto.

Outro participante – representante da visão da maioria – estima que tudo depende do destinatário do texto, mas precisa que evitaria os “anglicismos ou emprego duvidoso”:

De maneira geral, sim, mas evidentemente tudo depende do gênero do texto e dos destinatários, certos (raros) textos podem ganhar em ter um certo toque local (propaganda, etc.). Mas eu evitaria qualquer anglicismo ou emprego duvidoso.

Podemos ver nessa ótica um certo pragmatismo, porém, com certa normatividade.

Entre os tradutores e tradutoras que preconizavam a ausência de regionalismos, 58,7% pensam, no entanto, que estes não traem a presença do tradutor, em particular porque ele está justamente melhor armado que os não-tradutores para evitar os regionalismos. Dito isso, 68%

deles estima que certos regionalismos continuam inaceitáveis, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Na segunda questão, “O regionalismo trai a presença do tradutor”, uma maioria de participantes disse “concordo parcialmente” (41,3%), e ainda “não concordo” (36,6%). Vários participantes até mencionam nos comentários que seria exatamente o contrário, e que isso seria uma hipercorreção ou uma submissão excessiva à norma que trairia a passagem do tradutor. De maneira geral, o emprego do regionalismo é considerado como uma marca de profissionalismo do tradutor que se preocupa em adaptar o texto ao seu destinatário.

Na terceira questão, 59,2% dos participantes estimam que, qualquer que seja a circunstância, certos regionalismos continuam inaceitáveis. Os comentários deixam transparecer claramente que essa não aceitação está geralmente ligada ao nível de língua: um regionalismo é considerado como inaceitável se seu nível de língua é inapropriado ou se há risco dele chocar o destinatário. Assim, destacamos algumas alusões aos anglicismos, considerados como “quebequismos párias”:

16

Se a maioria (ou pelo menos, um grande número) de regionalismos podem, e em certos casos devem, ser utilizados, outros são menos felizes. Por exemplo, peguei um texto em que o tradutor, visivelmente iniciante ou amador, traduziu “*hitch a ride*” por “*prendre un lift*”. A presença de palavras inglesas na língua quebequense falada não justifica sua utilização na escrita.

[São inaceitáveis os regionalismos] que introduzem imprecisões semânticas (exemplo “*plusieurs*” para “*many*”) e que substituem anglicismos morfológicos (“*meilleur avant*”, “*à l’année longue*”, etc.), entre outros.

Certos [regionalismos] não passam de calques vis que podem ser evitados e facilmente substituídos por expressões idiomáticas.

Por exemplo, as expressões que têm um significado diferente em outros lugares fora da francofonia, os equivalentes que arriscam causar confusão, regionalismos que não levam em conta que a língua falada e muitos anglicismos que não são totalmente ou pelo menos em grande parte, aceitos pelos profissionais da língua.

Destacamos também referências à utilização do modo de falar parisiense (ou de referências culturais francesas) em tradução literária:

Os regionalismos muito locais devem ser evitados. Por exemplo, o modo de falar parisiense em tradução literária ou os acrônimos como SMIC [Salário Mínimo Interprofissional de Crescimento<sup>x</sup>] que aparecem demais em certos textos.

Os regionalismos são totalmente aceitáveis, e mesmo necessários... é o nível de língua que se deve respeitar. Se temos que traduzir a palavra “fuck” para um público leitor quebequense, poderíamos usar “*putain*”, mas isso seria estranho aqui no Quebec, e um pouco atenuado (de todo modo, isso não me provoca nada). Seria mais apropriado traduzir *fuck* por “*tabarnac*”, que respeitarmelhor o nível de língua empregado pela língua fonte.

Em geral eu concordo, mas é possível que exceções possam se impor, conforme a natureza do texto ou o público-alvo. Pareceria mais ilógico, por exemplo, traduzir em francês padrão uma peça de teatro repleta de “gírias” americanas que fosse destinada ao público quebequense.

Certos participantes estabelecem uma diferença entre os verdadeiros regionalismos (aqueles que são atestados) e aqueles que correspondem a desvios considerados como erros, mesmo em sua região de origem:

Não confunda um verdadeiro regionalismo (p. ex. « *attendre quelqu'un avec une brique et un fanal* », « *ceinture fléchée* », « *Québécois pure laine* », ou ainda as imprecisões próprias do Quebec), que se impõe pelo uso e que não constitui um erro na língua francesa, com as expressões frequentemente mal empregadas, na ortografia e na sintaxe incertas (*mettre la clé dans la porte, en tout et partout*), ou ainda derivadas do inglês, que mesmo elas sendo mais ou menos comuns, não constituem particularismos, mas sim erros.

Por fim, os participantes mencionam que, se o texto de partida comporta regionalismos, é desejável que seja criado um efeito equivalente no texto de chegada, sobretudo no domínio literário:

Neste caso, tudo depende do texto de origem, onde o autor é soberano. Se o autor enche seu texto de regionalismos, seria infiel ao seu texto aquele que não os usassem.

Tudo depende do texto: se tratando de “literatura”, eu não vejo porque não utilizar um regionalismo se o texto de partida o utiliza...

Sobre a 4 questão, a grande maioria dos participantes (96,3%) afirmam que em certos casos, um regionalismo é desejável, ou até mesmo indispensável, para aproximar o destinatário ou leitor. Os exemplos mais comprobatórios (e mais frequentes) são empregados na tradução publicitária, mas são igualmente invocados os recomendações de segurança ou os textos de interesse público:

No domínio da publicidade, por exemplo, onde se deve fazer com que o público-alvo se identifique com um certo produto. Na região do Quebec, não se escreve: “*Venez goûter à nos délicieux cookies*”, “*Lévis par le ferry !*” ou “*L’hiver, ce sont les congères !* » Porque, se

não estou enganada, estas palavras são conhecidas por toda a comunidade francófona internacional.

Muitos participantes comentaram sobre “proximidade” com o leitor, da identificação deste com o texto ou ainda com a “cor local”.

Em relação a questão 5, 54,5% do total dos participantes estimam que no curso de sua formação em tradução, lhes incitaram a evitar os regionalismos. Esta proporção é comparável aos participantes que fizeram seus estudos no Quebec (55,6) e pelos que os fizeram em outros lugares fora do Canadá (57,9%), mas esta taxa corresponde a 35,5% em se tratando dos participantes que fizeram seus estudos na Europa, sendo que 27,9% creditam que a questão “não se aplica” a sua situação.

A proporção de participantes que declararam que eram estimulados a evitar o uso de regionalismo passa de 65,9% entre os portadores de um diploma de graduação em tradução; ela é de 54,2% para os titulares de mestrado em tradução, e de 39,4% para os titulares de outro tipo de diploma em tradução (certificados, DESS - *Diplôme d'études supérieures Spécialisées*). Dito isso, em comentário, certo número de participantes ainda confessam não se lembrar deste fato, e boa parte deles mencionam que foram ensinados a evitar os anglicismos.

18

Os tradutores e tradutoras que exercem a profissão há mais de 20 anos, estimados em 53,2%, disseram terem sido incitados a evitar os regionalismos; alguns mencionam que sua formação foi há muito tempo para que eles se lembrem, mas outros (mais especificamente uma pessoa que obteve seu bacharelado em tradução em 1973) menciona que esta situação geralmente ocorria com os docentes de origem europeia, e que a questão dos regionalismos se colocava sobretudo como um paradigma de oposição entre o Francês e o Quebequense.

Esta proporção passa para 46,1% entre os participantes que tem entre 10 e 20 anos de experiência; para 65,3% entre os que têm entre 5 e 10 anos; e para 51,7% entre os que tem menos de 5 anos de experiência. Nos comentários, são, sobretudo, os profissionais mais experientes e os mais jovens que mencionam o fato dos regionalismos serem objetos de discussão viva ou de uma abordagem excessiva por parte dos professores que geralmente são de origem europeia. Estas variações diacrônicas podem estar ligadas à proporção de professores de origem europeia nos programas de formação, à abordagem pessoal de cada professor na visão da variação diatópica – independentemente da origem dos professores -, ou ainda à orientação geral dos programas de tradução em questão: na ausência originada por esses parâmetros, nos parece perigoso tirar conclusões.

Por fim, parece que os profissionais de tradução do Quebec têm uma abordagem

tipicamente funcionalista do regionalismo, qualquer que seja a abordagem adotada em sua formação inicial. Alguns mencionam ainda que seus professores ao invés de os censurarem pelo uso de regionalismos, os incitam a conhecê-los para que possam utiliza-los sabiamente. É bom ver que este pragmatismo prevalece ainda que um participante confesse ter adquirido estes reflexos em virtude daqueles que apagam sistematicamente os regionalismos:

Infelizmente, eu mantive o reflexo de os evitar a todo custo. Eu chego a revisar textos redigidos em francês por uma empresa situada próxima da minha casa, e eu fico sempre em um dilema quando encontro regionalismos. Eu quase sempre os substituo por uma expressão francesa padrão, exceto em certos casos de publicidade desta empresa.

#### 2.4 Pistas de ação e de reflexão

Os resultados deste questionário orientaram nossa reflexão em três direções: a necessidade de repensar a noção de “francês padrão”, a importância do medo dos anglicismos em uma zona de contato linguística e a obrigação de ter discernimento na integração da variação diatópica no ensino da tradução.

##### 2.4.1 A noção enganosa do “francês padrão”

Antes de tudo, nos programas de formação em tradução do Quebec e do Canadá francófono, os termos do “francês padrão” ou “língua padrão” são sempre utilizados, como também em oposição à “língua em uso no Quebec”. Esta noção de “francês padrão” é, em nossa concepção, inapropriada, por várias razões: na ausência de uma precisão, ela deixa supor que o padrão, ou a norma, situa-se fora do Quebec, para o caso que conhecemos melhor na francofonia norte-americana.

E, também, de forma mais ou menos consciente, os falantes do Quebec têm a sensação de falar uma variante desnaturalizada do francês, pois os termos de “francês padrão” ou de “francês internacional” designam ainda, frequentemente e de modo inadequado, o “francês da França”, como explica (MERCIER, 2002, p. 58).

De fato, Pöll define a seguir a noção de *variedade padrão* de uma língua:

[...] subsistema codificado da língua [...] empregado em contextos formais, onde a distância física e/ou simbólica – que separa os parceiros da comunicação é importante. Esta variedade tem um certo prestígio [...] na comunidade linguística em questão e é praticada, senão exclusivamente, ao menos mais frequente pelos [locutores] instruídos, pertencendo as classes sociais mais altas. [A variedade padrão] é sempre uma variedade escrita, o que não impede a existência de uma variedade padrão oral (PÖLL, 2005, p. 40)

Mais precisamente, o adjetivo *padrão* designa não uma variedade diatópica de referência, mas um nível de língua: o nível de língua, na falta de palavra melhor dos dicionários de uso, situado entre o nível familiar e o nível formal (J. ET N. TOURNIER, 2009, p. 249). Ora, esta confusão entre o regionalismo e o nível de língua é frequente, o regionalismo é com frequência considerado como informal. Lembremos que no meio dos regionalismos julgados “inaceitáveis” pelos participantes em nossa pesquisa foram mencionados justamente aqueles cujo nível de língua era julgado inapropriado. Assim os quebequismos ou os canadianismos como “*cellulaire*”, “*coroner*”, “*dépanneur*” ou “*banc de neige*”, destacam-se na língua “padrão”, mesmo se eles não pertencem ao que chamamos de – cada vez menos, esperamos – o francês “padrão” ou “internacional”, noção que “que provem muito mais do mito do que da realidade” (MERCIER, 2002, p. 58).

Bernard Pöll, seguindo pesquisadores estadunidenses nos anos 1970, propõe definir como “*língua pluricêntrica* uma língua que não tem apenas um centro de onde emanam as normas da língua padrão” (PÖLL, 2005, p. 19). Trata-se essencialmente de um modelo descritivo em sociolinguística, ele poderia permitir a mudança da percepção da própria noção de norma através de uma mudança de paradigma na variação diatópica: passando de um modelo centro/periferia – modelo que predomina ainda nos estudos pós-coloniais – a um modelo pluricêntrico, opera-se uma forma de revolução copernicana ao revés que permite, em nossa visão, de se libertar de julgamentos de valor inibidores para os francófonos fora da França.

#### 2.4.2 *Em filigrana: os anglicismos*

Além disso, é importante refletir sobre a influência, a evolução de uma língua, e seus contatos com outra língua: em uma perspectiva descritivista – e não prescritivista -, parece oportuno se interrogar sobre o uso de certos anglicismos, talvez um tanto sistematicamente estigmatizados. Mesmo o francês e o inglês apresentando certas similitudes, o medo do calque, se percebe como uma influência indevida do inglês, muitas vezes sendo suspeita qualquer forma de semelhança. Parece ainda que para ser considerado admitido no uso, um calque transite pela Europa francófona e adquira seu estado de nobreza no *Le Robert*, como “*Ce n’est pas ma tasse de thé* “. Infelizmente para os elurofílicos<sup>xi</sup>, ainda é preciso esperar um pouco antes que os gatos saiam do saco nos cinco continentes... Dito isto, as línguas em contato se influenciam mutuamente por uma forma de polinização cruzada, e os especialistas da linguagem, ou *langagiers*, como se diz no Quebec, e que atuam num contexto como este se

---

COLLOMBAT. Tradução e variação diatópica no espaço francófono: o Québec e o Canadá francófono. *Belas Infêis*, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2014.

esforçam permanentemente para separar o trigo do aceitável ou do desejável, do joio do inaceitável ou do inútil. É inútil, por exemplo, reter o uso de um calque de estrutura como “*charge de cancellation*” quando “*frais d’annulation*” existe e é perfeitamente compreensível para os locutores francófonos tanto da zona de contato quanto do exterior desta zona. O que, de fato, pode passar por puro normatismo não é mais do que pragmatismo.

Este medo dos anglicismos “duvidosos” é particularmente patente num contexto de zona de contato linguístico, onde o tradutor deverá exercer seus esforços particulares para evitar a atração da língua de partida: se esta atração é típica do processo de tradução, sobretudo nos tradutores iniciantes, ela constitui, para o tradutor experiente, uma situação de contato, uma dificuldade complementar, porque ele deve distinguir o que vem do processo de tradução daquilo que vem de seu ambiente linguístico. Neste sentido, sua competência tradutória será significativamente melhorada pela aprendizagem de uma diferenciação consciente dos dois sistemas linguísticos presentes: é precisamente isto que exporemos na terceira parte do presente artigo.

#### 2.4.3 Adaptar a formação dos tradutores: ensinar o espírito crítico e o discernimento

21

É, certamente, um comentário que expomos, em particular por razões enunciadas acima:

Me formei em Laval, em 2005. O curso é excelente, mas nos foi dito no início do jogo: tudo deve convergir para o francês padrão.

Esta observação é sintomática da confusão observada há muito tempo entre os *langagiers* relacionada ao nível de língua e a variação diatópica que nós evocamos na seção anterior, e que felizmente tende a terminar. Certamente, o regionalismo ainda figura entre a tipologia dos erros aplicada à avaliação dos trabalhos dos estudantes de tradução da Universidade Laval, mas desde 2005, precisamente, nos modificamos a definição de uma maneira central, em nossa visão. De fato, o regionalismo, está no mesmo nível do inapropriado, do arcaísmo ou do anglicismo, considerado intrinsecamente como uma falta[faute] de tradução, contando, assim, como ponto negativo(-1). O regionalismo figura sempre na tipologia dos *erros* [erreur] (e não “tipologia das faltas<sup>xiii</sup>”), mas só é recusado quando seu emprego é considerado injustificado, ou seja, quando sua utilização é considerada um erro de comunicação, determinado em função do público leitoralvo, principalmente. Foram igualmente reunidos os exemplos, “*centre d’achats*” e “*septante*”, advindas de dois

regionalismos diferentes da francofonia, no intuito de não estigmatizar o quebequismo como tal. Assim passamos de uma abordagem prescritiva normativa a uma abordagem pragmática, e o passo dado é enorme: de uma abordagem culpabilizante e inibidora, passamos a uma abordagem centrada no texto, no emissor, no destinatário e na função, mas sem castigar, no absoluto, as variações diatópicas. Esta abordagem não somente desdramatiza o uso do regionalismo, mas permite verificar a necessidade do tradutor ter consciência da diferença diatópica a fim de poder aumentar o número de acordes para o seu arco. Qualquer que seja sua bagagem cultural um tradutor consciente das variações diatópicas saberá traduzir para uma organização internacional, para um cliente europeu ou para um cliente quebequense ou canadense francófono. No final, trata-se de considerar, na formação inicial do tradutor, a realidade do mercado de trabalho – o que boa parte dos participantes da pesquisa fez por experiência, independentemente da norma a que foram inicialmente expostos.

### 3. Fundamentos teóricos do ensino da tradução no Quebec e no Canadá francófono

22

E nesta ótica que nós nos propomos a abordar agora um aspecto tocante ao ensino da tradução, e mais especificamente, a duas abordagens didáticas da tradução que se opõem tradicionalmente na francofonia: o método comparativo ou contrastivo, aquele do Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet dito “Escola de Quebec”, e o método interpretativo, formalizado principalmente por Danica Seleskovitch e Monique Lederer chamada de “Escola de Paris”.

Assim a presente reflexão visa mostrar particularmente que o estigma que envolve a abordagem comparatista poderia ser fundamentado em uma percepção eurocêntrica da tradução e das modalidades e usos didáticos desta.

#### 3.1 Duas gêneses divergentes

No intuito de se colocar as duas abordagens em perspectiva, parece fundamental retornar a fonte e relembrar o contexto em que cada uma delas nasceu.

Reportemo-nos ao prefácio de *Stylistique comparée du français et de l'anglais* – pelo qual nos começamos por uma questão cronológica, a primeira edição datando de 1958 –, onde vemos as primeiras palavras: “A história começa na autoestrada de Nova York para Montreal.” (VINAY ET DARBELNET, 1977, p. 17). No curso de sua jornada na estrada, os dois autores, Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, começam a observar as indicações apresentadas nas placas de trânsito, por exemplo: “*Slow men at work*” [sic], “*Stop When School Bus Stops*”, “*Slippery When Wet*”, “*Cattle Crossing*”. Após ultrapassarem a fronteira eles se encontram no Canadá, onde as placas são bilíngues. A atenção deles é notadamente voltada para “*Slow – Lentement*”



ou ainda “*Glissant si Humide*”. Parece-lhes que “*lentement*” e “*glissant si humide*” são visivelmente formulações influenciadas pelo inglês e que, por exemplo, “*Slow*” teria mais lógica se substituído por seu equivalente “*Ralentir*” – é em todo caso ao que se atentaria um locutor francófono unilíngue desenvolvido em um contexto estritamente unilíngue sem interferência quotidiana do inglês. Assim a estilística comparada nasce da necessidade, no Canadá, de diferenciar as duas línguas oficiais que, por uma frequência assídua, acabam por se influenciar mutuamente – pois ao lado delas, os anglófonos em situação minoritária se dizem permeados por galicismos<sup>xiii</sup>. A estilística comparada permite, portanto, pelo conhecimento dos dois sistemas linguísticos presentes, mas também pelas referências culturais próprias de cada idioma, favorecer a idiomática pela tradução. Em 1999, Juhel (1999, p. 239) estimava que no Canadá, 80% dos textos em francês eram traduções: deste modo compreende-se a que ponto a idiomática e a diferenciação das duas línguas são tidas como essenciais. Os europeus não podem imaginar a que ponto o trabalho diferencial é fundamental em um país onde os francófonos são suscetíveis de lhes perguntar: “*Avez-vous été répondu?*”, o uso da voz passiva influenciado pelo inglês, mais flexível. Ensinar aos tradutores aprendizes francófonos do Canadá as diferenças de funcionamento entre as duas línguas não é o fruto de um acesso de “normopatia” ou de protecionismo linguístico: num contexto de globalização, esta perspectiva responde a uma preocupação de se permitir produzir traduções exportáveis para toda a francofonia e assim aumentar suas oportunidades profissionais.

23

De outro lado, Marianne Lederer e Danica Seleskovitch escrevem, na introdução da primeira edição de *d’Interpréter pour traduire*, em 1983:

Tradicionalmente aplicada ao estudo das línguas clássicas, a tradução tem a muito tempo servido para a sua aquisição, sob a forma de traduções ou de versões. [...] tem assim sido chamadas “tradução” os exercícios de aquisição de línguas estrangeiras, de comparação de estruturas linguísticas e de substituição de umas pelas outras. (LEDERER ET SELESKOVITCH, 2001 p. 7)

Desde o início, parece, portanto que a abordagem interpretativa nasce em reação aos exercícios de tradução e de versão que, na aprendizagem de línguas, tem uma vocação que poderíamos qualificar de “heurística”, pois a prática da tradução é considerada como um meio de aprendizagem e de aprofundamento da segunda língua estudada, até mesmo, ao extremo, da língua materna. Este método tradicional, o método gramática-tradução, é herança da aprendizagem das línguas clássicas como o grego e o latim (GERMAIN 1993, p. 101).

Quando esta prática intervém na aprendizagem linguística, não é de se espantar que aprendizes se focalizem na forma – o que geralmente é um sinal de falta de segurança – e produzem traduções palavra por palavra que, às vezes, beiram a falta de sentido. Da mesma maneira, não é surpreendente que a teoria interpretativa se interponha contra esta prática, que vai de encontro a filosofia predominante na tradução: todo tradutor iniciante deve dominar bem as línguas com as quais vão trabalhar antes de aprender a traduzir. Nesta ótica, a tradução é uma competência a ser desenvolvida, não um meio de aquisição de línguas.

Assim, desde o início, a teoria interpretativa, com base na observação dos processos à obra em interpretação é contra o palavra por palavra, que é muitas vezes o mote da tradução didática ("exercício de transferência interlinguística praticado em didática de línguas e cujo a finalidade é a aquisição de uma língua" [DELISLE, 2005, p.49]), enquanto que a abordagem comparatista, com base na observação das interferências linguísticas entre o Francês e o Inglês no Canadá, visa enriquecer tanto a tradução didática – uma vez que ela tem campo na Europa, principalmente na França, mesmo em testes do CAPÈS (*Certificat d'aptitude au professorat de l'enseignement du second degré*) e de agregação de línguas – que a tradução profissional ("exercício praticado nas escolas, institutos ou programas de formação de tradutores concebido como um ato de comunicação interlinguística baseado na interpretação do significado do discurso real." [DELISLE, 2005 p.50])

Parece, no entanto que este mal-entendido inicial sobre o tipo de tradução visada e o desconhecimento das necessidades específicas de um grupo de francófonos relacionados ao contexto sociolinguístico no qual eles tem contribuído para alargar o abismo entre as duas abordagens que a história da didática da tradução se opõe tradicionalmente desde os anos 1960.No entanto, os europeus tendem a considerar a abordagem comparatista como ultrapassada: (GUIDÈRE, 2010 p. 45) ainda afirmam que ela foi "abandonada porque foi orientada para a transcodificação" ao invés da pesquisa em "equivalência de mensagens".Mais uma vez, esta visão parece ser o fruto não só da falta de conhecimento do contexto particular no qual esta abordagem nasceu e é praticada - ainda hoje, e com lucro -, mas também de seus fundamentos.

Curiosamente, ao mesmo tempo em que a tradução procurou se emancipar do método tradicional de ensino de línguas, a didática de línguas por um lado tende a banir os exercícios de versão e tradução de seus métodos de aprendizagem. É realmente no final dos anos 1970, que emerge o método "comunicativo" no ensino de segundas línguas, método que visa reduzir o papel da língua materna na aprendizagem de línguas - e, portanto, o papel da tradução<sup>xiv</sup>.E

---

COLLOMBAT. Tradução e variação diatópica no espaço francófono: o Québec e o Canadá francófono. *Belas Infêis*, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2014.

hoje, depois de décadas de "divórcio" entre tradução e aprendizagem de línguas, alguns métodos de ensino de línguas, tirando proveito da extraordinária evolução da didática da tradução que seguiu ao advento da tradutologia como disciplina autônoma, visam reabilitar o uso de tradução em aulas de línguas – um uso que vem completar os outros métodos didáticos que reconhecem a tradução como uma disciplina plena em seu potencial comunicacional<sup>xv</sup>.

Na verdade, as duas abordagens não são tão opostas, mesmo a partir de sua gênese : Se a constatação (VINAY E DARBELNET, 1977, p.19) é baseada na necessidade de confrontar as duas línguas envolvidas - neste caso, o francês e inglês, no contexto específico da América do Norte francófona - , a fim de trazer mais claramente as diferenças, de modo a equipar o tradutor francófono norte-americano para que ele seja capaz de refinar e afirmar seus conhecimentos linguísticos em sua língua materna, Seleskovitch (2001, p. 165) propõe que o ensino da interpretação - e, portanto, da tradução em uma visão que privilegia a interpretação - "não pode ser feito de forma útil, se a língua materna é de um nível suficiente e se o conhecimento dessas línguas ditas passivas é tal que [os estudantes] as compreendem tão bem e tão facilmente como sua língua materna. Portanto, entende-se que as duas abordagens não visam os mesmos objetivos: Jean Delisle (2005, p.137), interpretativista, avança a este respeito afirmando que "em um programa de formação de tradutores, a estilística comparada mostra um interesse inegável como um meio de aperfeiçoamento do bilinguismo dos futuros tradutores", acrescentando que esta abordagem “opera com lucro no ensino de tradução devido a insuficiência dos conhecimentos linguísticos dos futuros tradutores [...]”. Ele afirma, ainda, que o ensino da estilística comparada deve intervir no início da formação dos futuros tradutores, “uma vez que o conhecimento da língua é um pré-requisito para o exercício da tradução" (2005, p. 137). Note-se que Delisle formou gerações de tradutores na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade de Ottawa, e sua abordagem didática que combina as abordagens comparatista e interpretativa certamente não são estrangeiras no contexto em que ele ensinou.

25

### 3.2 As dicotomias língua/discurso e língua/complementos cognitivos

Em numerosas ocasiões, Lederer e Seleskovitch exclamam contra o que eles acham que é na abordagem comparatista, um foco excessivo sobre a palavra, em detrimento do discurso: "Para que o estudo da tradução continue ligado ao seu próprio plano, isto é, ao discurso, não é a superfície conceitual das palavras que convém serem comparadas de uma língua para outra, mas a taxonomia operada pelo discurso." (LEDERER E SELESKOVITCH,

---

COLLOMBAT. Tradução e variação diatópica no espaço francófono: o Québec e o Canadá francófono. *Belas Infêis*, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2014.

2001, p. 54), acrescentando a ocasião uma alusão explícita a Vinay e Darbelnet (2001, p. 55). Nós não discutiremos a especificidade do contexto canadense que conduziu esses dois autores a se interessarem pelas palavras, mas se o termo do discurso é geralmente ausente de sua proposta, a mensagem, do contrário, definida como o "conjunto de significações do enunciado baseada essencialmente sobre uma realidade extralinguística, a situação, [ e fazendo ] levar em conta as reações psicológicas do sujeito falante e a do seu interlocutor<sup>xvi</sup>" – ou "informação total comunicada quando um enunciado é utilizado em circunstâncias determinadas" (DUCROT E SCHAEFFER, 1995, p. 55) - está onipresente. E o sentido da mensagem surge de três formas (1977, p. 161): o sentido estrutural (aquele que surge a partir de elementos lexicais montados de acordo com as regras de sintaxe), o sentido global (aquele que é fornecido pelo contexto) e a situação a qual a mensagem se refere (por exemplo: *This is Your Receipt*). Como vemos, Vinay e Darbelnet não consideram a palavra (ou a língua) como um fim em si, mas como um dos elementos da construção do sentido da mensagem.

26

Esta desconfiança em relação a realização linguística do sentido é característica da teoria interpretativa que, como destaca (NORMANDIN, 2011, p. 04), é dominado por uma "visão imanentista do sentido<sup>xviii</sup>". Normandin também aponta que para os interpretativistas, a "construção de sentido" se limita à ideia de que a compreensão de um texto pelo tradutor ultrapassa a significação "em língua" das palavras que o compõem em virtude da mobilização dos "complementos cognitivos" (NORMANDIN, 2011, p. 85). Em nosso artigo sobre o papel da cultura geral no processo de tradução, explicamos precisamente como o defeito da intervenção dos complementos cognitivos poderia criar aberrações semânticas caracterizadas por escolhas lexicais inadequadas (COLLOMBAT, 2007 p; 61-62). Questionamos se essa mesma cultura geral afirmada e bem estabelecida era um pré-requisito indispensável para um recurso sensato aos complementos cognitivos. A falta de cultura geral ou - como é o caso mais frequente - a falta de segurança dessa cultura geral levou inconscientemente o tradutor aprendiz a se concentrar excessivamente na língua, abandonando as vezes o sentido correto em favor do sentido errado, e mesmo o sem sentido. É este processo defeituoso que leva alguns futuros tradutores a traduzir sistematicamente *river* por *rivière* ou *student* por *étudiant*, independentemente do contexto, mesmo que eles falem espontaneamente do rio Saint-Laurent ou de um estudante do ensino fundamental/primário. Na mesma linha, a predominância de gênero gramatical em francês força o tradutor a recorrer a complementos cognitivos para elucidar o gênero, mesmo que em razão de escolhas gramaticais (acordos) ou lexicais (variante masculina ou feminina de um mesma palavra, variações diatópicas). Consideremos a seguinte frase: "*Sal Jones, a professor at Ottawa University, has assembled a creative research team.*" A fim de traduzir esta frase para um público

leitor canadense francófono, é importante determinar se Sal Jones é um homem ou uma mulher. Neste último caso, ele deveria traduzir: "Sal Jones, *professeure* à l'Université d'Ottawa, a constitué une équipe de recherche créative." Com este exemplo, temos a intenção de mostrar que é difícil de tratar em separado a questão da língua e os complementos cognitivos, e que esses dois parâmetros - entre muitos outros - intervêm muitas vezes simultaneamente no processo de resolução de problemas que é o da tradução, nesse sentido, preconizamos uma abordagem fortemente e abertamente holística da tradução - e de sua aprendizagem - na qual língua, discurso, complementos cognitivos e finalidade são inter-relacionados. Dissociá-los reduziria o processo de tradução a apenas um desses componentes - para fazer um ato que seja puramente linguístico, puramente discursivo, puramente cognitivo ou puramente comunicacional. Traduzir sendo fundamentalmente uma atividade de resolução de problemas<sup>xviii</sup>, reduzir os parâmetros a um único paradigma não refletiria todo o processo em sua totalidade e equivaleria a buscar refúgio sob a árvore de onde conhecemos a essência e evitando considerar toda a floresta. Além disso, assumir o emaranhado desse conjunto de parâmetros é em nossa opinião, a única maneira de abordar a tradução numa perspectiva universal, sem, entretanto, apagar as características locais, incorporando nos tramites de tradução - inclusive em seus fundamentos didáticos - as diferenças diatópicas próprias de uma linguagem pluricêntrica.

27

#### 4. E as abordagens funcionalistas?

Como explicamos no início da seção 3 do presente artigo, a nossa proposta aqui foi centrada na oposição entre a abordagem comparatista e da abordagem interpretativa, por duas razões principais: primeiro, esta oposição é própria da francofonia - contexto específico no qual estamos interessados - e em seguida ela ainda marca muitos programas de treinamento de tradutores francófonos, por isso às vezes quase- ideológico - estas duas abordagens determinam-se sobretudo, no início, em relação ao ensino da tradução .

No entanto, nós mencionamos no início da seção 2 uma terceira abordagem, o funcionalismo, que consideramos uma "suprateoria" ou como um quadro teórico no qual pode ser inserido o comparatismo e o interpretativismo. Ao contrário dos dois últimos, a abordagem funcionalista não foi destinada, originalmente, para formalizar uma didática da tradução, mas para descrever a atividade de tradução em si. Foi apenas em 1997 que Christine Nord aplica explicitamente o funcionalismo à formação de tradutores em "*Translating as a Purposeful Activity*".

A mais significativa das abordagens funcionalista em tradução é a teoria do *skopos* desenvolvida por Hans J.

A palavra grega "*skopos*" significa "finalidade": a teoria do *skopos* é uma "teoria da ação [traducional] intencional direcionada" (NORD, 2008, p. 24), a estratégia de tradução sendo determinada pela finalidade do texto alvo. Assim, de acordo com este princípio,

Cada texto é produzido para atender a uma finalidade específica e deve servir a esta finalidade. A regra do *skopos* é estabelecida da seguinte forma: deve-se traduzir/interpretar/falar de maneira que o texto traduzido possa funcionar na situação em que ele será utilizado, para aqueles que querem utiliza-lo como quiserem que ele funcione. (VERMEER, 1989, p. 20, citado e traduzido em (NORD, 2008, p. 43))

É este princípio geral que parece justificar amplamente a valorização da variação diatópica no texto alvo: vimos também na seção 2 que os profissionais realçam frequentemente sua posição sobre o uso de regionalismos, dependendo do tipo de texto o público alvo, a função de texto e sua finalidade – ou seja, exatamente segundo os parâmetros enunciados na teoria do *skopos*, e que são atualmente universalmente reconhecidos como elementos constitutivos de toda estratégia de tradução.

28

Visto que a sua relevância parece geralmente aceita, a teoria do *skopos* poderia, portanto, aparecer como um quadro propício a reconciliação entre as duas abordagens antagonistas mencionadas acima.

Ora, como mencionado acima, ela se põe muito mais como suprateoria e, como tal, ela não pode substituir estas duas infrateorias, de fato, a teoria do *skopos* enuncia essencialmente princípios gerais - por exemplo, que "o fim justifica os meios" (NORD 2008, p. 43) -, mas não entra em detalhes dos "meios" a implementar para atingir a finalidade. Assim, é apenas pela superposição de uma abordagem mais "fina" para este quadro geral, que podemos aplicar os princípios. Por exemplo, (REISS, 2009, p. 107), particularmente, aborda o parâmetro da tipologia textual, onde o tradutor deve considerar ao elaborar sua estratégia de tradução: se ela diferencia entre outros, os textos informativos, dos textos expressivos em função da sua finalidade, em contrapartida ela não expõe nenhum critério preciso permitindo operar uma taxonomia, como o uso de um vocabulário denotativo ou conotativo. Neste sentido, como menciona Normandin, (2011, p. 3-4), a teoria do *skopos*, como as outras abordagens funcionalistas, compartilha com a teoria interpretativa a "visão imanentista do sentido" que mencionamos acima, e é por esta primeira razão que ao nosso ver, sua aplicação não é

suficiente para descrever a atividade e atividade tradutória e a estruturar uma didática da tradução.

É um outro princípio da teoria do *skopos* que consideramos como (parcialmente) pertinente para nossa proposta sobre a variação diatópica em tradução e em didática da tradução à luz das especificidades do francês no Canadá francófono e no Quebec. Neste caso, Vermeer (2004, p.229) explica que, se o texto fonte está intimamente ligada à cultura fonte, o texto alvo deve, entretanto, ser vinculado à cultura alvo: esta adaptação ao destinatário, dependendo da finalidade vem novamente legitimar a questão da variação diatópica. No entanto, ele acrescenta que, portanto, os textos fonte e alvo podem apresentar diferenças consideráveis (VERMEER, 2004, p. 229): esta oposição entre as culturas fonte e alvo nos parece redutora, porque subjaz uma adequação perfeita entre língua e cultura, como se cada comunidade linguística constituísse por si só uma comunidade cultural, que se refere implicitamente à uma visão monocêntrica da língua que mencionamos na introdução. Visto que essa visão monocêntrica não permite levar em conta a variação diatópica e que esta é uma parte essencial da visão que têm os tradutores canadenses francófonos e quebequenses de sua prática, estimamos que a teoria do *skopos* tal como é desenvolvida por Vermeer, Reiss e Nord deve ser refinada, especialmente no que diz respeito à visão simplista do binômio língua-cultura. Os francófonos da América do Norte reivindicam de fato a sua americanidade, definida por Resch (1988, p. 74) como "um conjunto de valores que o povo Quebequense internalizou em função de sua história, da sua localização geográfica, climática, no continente americano." Essa proximidade com a cultura americana - no sentido continental do termo - que implica em diferenças culturais significativas dentro mesmo da comunidade francófona pode ser ilustrada por uma passagem de *Chat sauvage*, de Jacques Poulin, onde o narrador descobre a tradução francesa de *A Prayer for Owen Meany*, de John Irving intitulada *Une prière pour Owen*:

*Je refermai le roman, éteignis la veilleuse et me remis à la fenêtre.*

*Le regard perdu dans la nuit, je me mis à penser aux nombreux traducteurs qui vivaient en France, de l'autre côté de l'Atlantique, et qui traduisaient des romans américains.*

*Ils avaient toute ma sympathie, car je savais à quel point leur métier était difficile, et l'envie me vint de leur écrire une lettre.*

*Je voulais leur dire qu'il y avait au Québec, depuis peut-être un siècle, un grand nombre de gens qui pratiquaient le baseball et le football américain, et qu'ils le faisaient en français.*

*Un français qui avec les années était devenu élégant et précis, grâce au travail de traduction accompli par les commentateurs sportifs de la radio et de la télé.*

*C'est pourquoi je leur donnais un conseil, à titre de collègue : lorsqu'ils devaient traduire un roman américain contenant des passages sur le baseball ou le football, ils avaient intérêt à consulter un des nombreux Québécois qui vivaient à Paris ou ailleurs en France.*

*Si cette démarche ne leur convenait pas, ils n'avaient qu'à donner un coup de fil à la Délégation du Québec : même la téléphoniste était en mesure de leur indiquer les traductions exactes.*

*Pour ma part, j'étais disposé à réviser leurs textes tout à fait gratuitement, pour être enfin débarrassé des inepties qui encombraient la version française des romans américains. (POULIN 1998, p. 115-116)*

## 5. Conclusão

A abordagem interpretativa ainda é apresentada como um antídoto para a abordagem comparatista, porque, entre outras coisas, a falta de conhecimento da situação específica do Canadá francófono e da posição dividida estabelecendo uma dicotomia exclusiva entre língua e discurso tão marcada que ele nega os elementos de sentido contidos na atualização linguística dos mesmos, sobretudo nos parâmetros como a conotação, o nível de língua, o modo, ou ainda a variação diatópica.

É importante lembrar que a abordagem interpretativa - que se auto denomina "teoria do sentido", o que, com Delisle (1990, p. 63), consideramos como proveniente de um uso abusivo da palavra "teoria" - surgiu em um momento oportuno e contribui fortemente para o nascimento de tradutologia como uma disciplina autônoma e opositora às limitações da tradução didática, que concede primazia ao sentido e à idiomatidade, que baseia-se na observação dos processos envolvidos na interpretação simultânea e permite aos tradutores se libertarem da "tirania da forma". Não nos esqueçamos do que todavia Darbelnet (1968, p. 45) chamava de desejos de libertação em relação a esta mesma tirania.

No entanto, além desta comparação parcial entre essas duas abordagens fundadoras do ensino da tradução, esperamos especialmente que a tradutologia de hoje marque uma verdadeira reconciliação do comparatismo, do interpretativismo e do funcionalismo, abordagens fundamentalmente complementares, e permitirá uma definição mais abrangente, mais completa do ato de traduzir, na qual os aspectos linguísticos da tradução podem ser abordados abertamente e de maneira que qualificaríamos como descomplexada, bem como os outros parâmetros levados em conta na atualização da finalidade da tradução. Como visto nos resultados do questionário que enviamos aos tradutores, os profissionais, com o pragmatismo



que acompanha a experiência, realizam naturalmente esse sincretismo: assim, pesquisadores e teóricos devem se inspirar mais sistematicamente nessa abordagem mediadora para renovar os fundamentos teóricos da didática da tradução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blair, L. 2005. *The Anglos: the hidden face of Québec City*, vol 2. Québec : Commission de la Capitale nationale du Québec, Éditions Sylvain Harvey

Collombat, I. 2004. « Le XXI<sup>e</sup> siècle : l'âge de la retraduction ». *Translation Studies in the New Millenium*, 2, 1-15

Collombat, I. 2007. « General Knowledge: a Basic Translation Problem Solving Tool ». *Translation Studies in the New Millenium*, 4, 59-66

Collombat, I. 2009. « La didactique de l'erreur dans l'apprentissage de la traduction ». *The Journal of Specialised Translation (JoSTrans)*, 12, 37-54

Darbelnet, J. 1968. « La traduction, voie ouverte à l'anglicisation ». *Culture vivante* 7/8, 39-45

Delisle, J. 1990. « Le froment du sens, la paille des mots ». *Études traductologiques : en hommage à Danica Seleskovitch*, M. Lederer & D. Seleskovitch (eds.). Paris : Lettres modernes/Minard, 61-73

Delisle, J. 2005. *L'enseignement pratique de la traduction*. Ottawa : Presses de l'Université d'Ottawa

Ducrot, O. et J.-M. Schaeffer. 1995. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris : Éditions du Seuil

Froeliger, N. 2008. « Les traducteurs sont-ils des normopathes ? ». *Tribune internationale des langues vivantes* 45, 5-11

Germain, C. 1993. *Évolution de l'enseignement des langues : 5000 ans d'histoire*. Paris : Clé International

Guidère, M. 2008. *La communication multilingue : traduction commerciale et institutionnelle*. Bruxelles : De Boeck

Guidère, M. 2010. *Introduction à la traductologie. Penser la traduction : hier, aujourd'hui, demain*, 2<sup>e</sup> édition. Bruxelles : De Boeck

Irving, J. 1989. *Une prière pour Owen*. Traduit de l'américain par Michel Lebrun. Paris : Seuil

Juhel, D. 1999. « Prolixité et qualité des traductions ». *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 44/2, 238-249

Kaiser-Cooke, M. 1994. « Translatorial Expertise—A Cross-Cultural Phenomenon from an

- Interdisciplinary Perspective ». *Translation Studies. An Interdiscipline*. M. Snell-Horby et al. (eds.). Amsterdam/Philadelphia : John Benjamins, 135-139
- Ladmiral, J.-R. 2004. « Dichotomies traductologiques ». *La linguistique* 1, 40, 25-50
- Larbaud, V. 1997 [1946]. *Sous l'invocation de Saint-Jérôme*. Paris : Gallimard
- Lederer, M. & D. Seleskovitch 2001. *Interpréter pour traduire*, 4<sup>e</sup> édition revue et augmentée. Paris : Didier Érudition
- Mercier, L. 2002. « Le français, une langue qui varie selon les contextes ». *Le français, une langue à apprivoiser*. Verreault, C., L. Mercier & T. Lavoie (Eds.). Québec : Les Presses de l'Université Laval, 41-60
- Meschonnic, H. 2007. *Éthique et politique du traduire*. Paris: Verdier
- Nord, C. 1997. *Translating as a Purposeful Activity. Functionalist Approaches Explained*. Manchester : St. Jerome Publishing
- Nord, C. 2008. *La traduction : une activité ciblée. Introduction aux approches fonctionnalistes*. Traduit de l'anglais par Beverly Adab. Arras : Artois Presses Université
- Normandin, J. S. 2011. *Méthode de la lecture, lecture de la méthode : l'acte de lecture en didactique de la traduction (Canada)*. Ottawa : Université d'Ottawa [thèse de doctorat]
- Oustinoff, M. 2003. *La traduction*. Paris : Presses Universitaires de France
- Pöll, B. 2005. *Lefrançais, langue pluricentrique ? Études sur la variation diatopique d'une langue standard*. Frankfurt am Main : Peter Lang
- Poulin, J. 1998. *Chat sauvage*. Montréal, Arles : Leméac/Actes Sud
- Resch, Y. 1988. « Dossier Québec ». *Le français d'aujourd'hui* 81, 73-88
- Reiss, K. & H. Vermeer. 1984. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen : Niemeyer
- Reiss, K. 2009. *Problématiques de la traduction. Les conférences de Vienne*. Préface de Jean-René Ladmiral. Traduction et notes de Catherine A. Bocquet. Paris : Economica
- Tournier, J. & N. Tournier. 2009. *Dictionnaire de lexicologie française*. Paris : Ellipses
- Van Dyk, J. 2007. *L'intérêt de l'enseignement de la traduction à vue à des apprenants de FLE*. Pretoria : Université de Pretoria [thèse de doctorat]
- Vermeer, H. J. 1978. « Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie ». *Lebende Sprachen* 23, 99-102
- Vermeer, H. J. 1989. *Skopos und Translationsauftrag. Aufsätze*. Heidelberg : Institut für Übersetzen und Dolmetschen, Universität Heidelberg
- Vermeer, H. J. 2004. « Skopos and Commission in Translation Action ». Translated by Andrew Chesterman. *The Translation Studies Reader. Second Edition*. Edited by Lawrence Venuti. New York : Routledge, 227-238

Vinay, J.-P. & J. Darbelnet 1977 [1958]. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Montréal : Beauchemin

Wilss, W. 1996. *Knowledge and Skills in Translator Behavior*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins

**RECEBIDO EM 10/02/2014**

**ACEITO EM 01/03/2014**

---

<sup>i</sup> Texto original disponível em:

[http://www.lli.ulaval.ca/fileadmin/llt/fichiers/departement/personnel/professeurs/isabelleCollombat/Traduction\\_e\\_t\\_variation\\_diatopique\\_I\\_Collombat.pdf](http://www.lli.ulaval.ca/fileadmin/llt/fichiers/departement/personnel/professeurs/isabelleCollombat/Traduction_e_t_variation_diatopique_I_Collombat.pdf)

<sup>ii</sup> Isabelle Collombat. Disponível em: <http://www.lli.ulaval.ca/le-departement/personnel/professeurs/collombat-isabelle/>

<sup>iii</sup> Lattes Clarissa Prado Marini. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4474411320594145>

<sup>iv</sup> Lattes Giovana Bleyer Ferreira dos Santos. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4587657087203729>

<sup>v</sup> Lattes – Rodrigo D’Avila Braga Silva. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1746993519090773>

<sup>vi</sup> Trecho original: Le français est habituellement considéré comme le meilleur exemple d’une langue à norme unique. La prédominance démographique, socio-culturelle et politique de l’Hexagone, plus particulièrement de sa capitale Paris, a longtemps occulté l’énorme variation des usages de la langue française.

<sup>vii</sup> Trecho original: le mythe du français monolithique, c’est-à-dire du caractère essentiellement mono-normatif de la langue de Molière, se trouve constamment divulgué et renforcé, consciemment ou inconsciemment, aujourd’hui encore.

<sup>viii</sup> “Le chat est sorti du sac”. Tradução direta: “O gato saiu do saco”, ou seja, “O segredo foi revelado”.

<sup>ix</sup> “Parler à travers son chapeau”. Tradução direta: “Falar através do chapéu”, ou seja, “Falar pelos cotovelos”.

<sup>x</sup> NdT. Salaire minimum interprofessionnel de croissance

<sup>xi</sup> Amantes de gato « Amateurs de chats » (du grec *ailouros*, « chat » *et philos* « ami »).

<sup>xii</sup> Ver (COLLOMBAT, 2009, p.45-46): “A falta, que pode ser ocasionada por um elemento contingente (negligência passageira, distração, fadiga, etc.), é considerada como proveniente da responsabilidade do aprendiz que deveria tê-la evitado. O professor a avalia *a posteriori* para sancioná-la. O erro, quanto a ele, revela uma característica sistemática e recorrente: é um “sintoma” da maneira como o aprendiz confronta um tipo de obstáculo dado. O professor *a priori* aplica um tratamento para preveni-la, baseado na relevância e na explicação de erros da mesma natureza cometidos anteriormente”.

<sup>xiii</sup> Ver (BLAIR, 2005, p.109).

<sup>xiv</sup> Ver (Germain 1993 : 201).

<sup>xv</sup> Ver (Van Dyk 2007 : 94-109)

<sup>xvi</sup> (VINAY ET DARBELNET, 1977, p. 46, 93 e 159)

<sup>xvii</sup> Mencionemos que, historicamente, a teoria interpretativa visava uma libertação forte e sadia da linguística, justificada pelo fato de que, de acordo com (LADMIRAL, 2004, p. 27), “a linguística recente estava cheia de restrições positivistas e ‘antisemantistas’ “que a impedia de tratar adequadamente da tradução em si.

<sup>xviii</sup> Ver (KAISER-COOKE, 1994, p. 137) e (WILSS, 1996, p. 46).

33